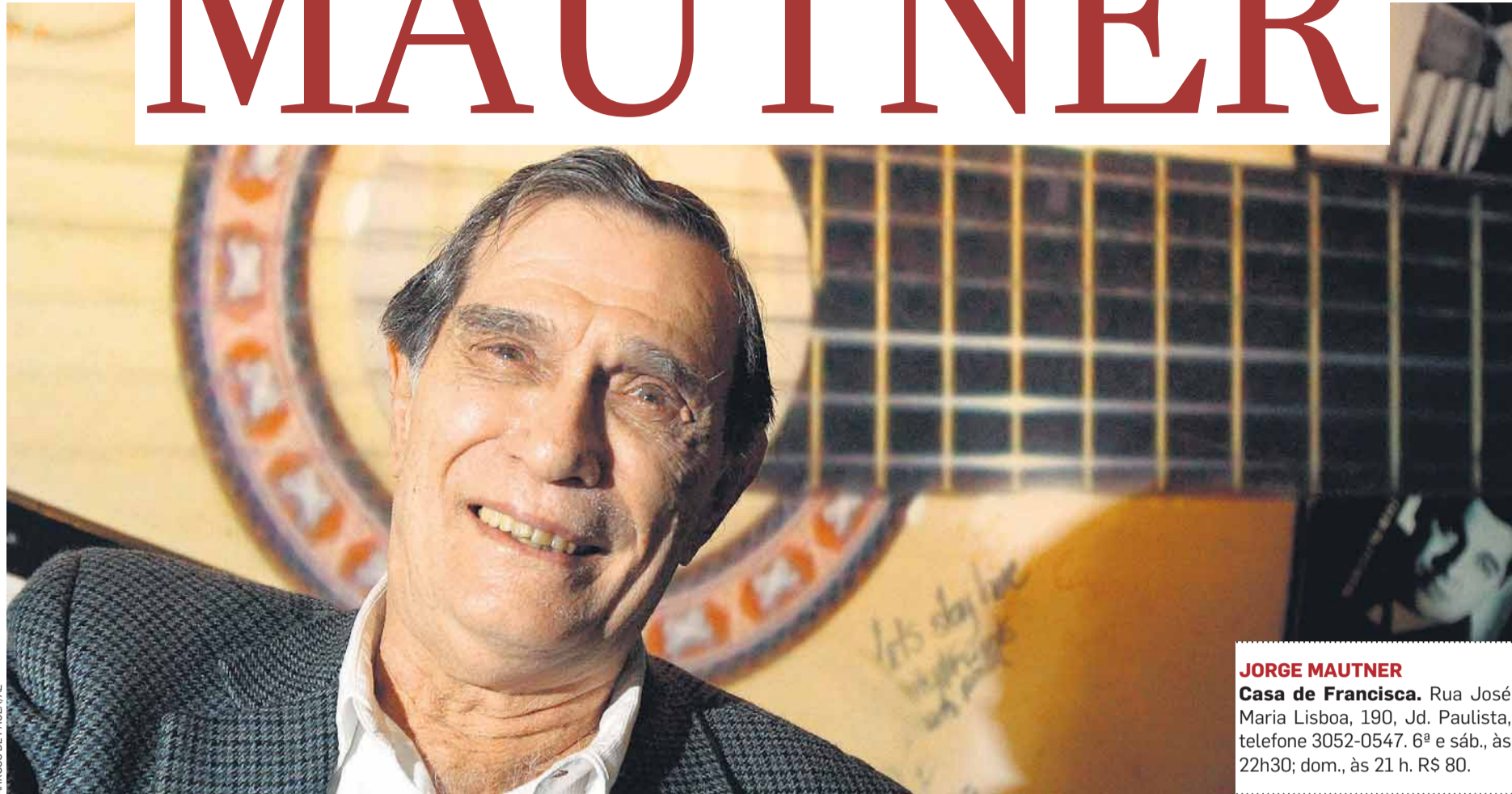


Música. Celebração

MAUTNER



MARCOS DE PAULA/AE

CAIXA DE CDs PELOS 40 ANOS DO PRIMEIRO

● Jorge Mautner lançou o primeiro e cultuado álbum, *Para Iluminar a Cidade*, em 1972. Para celebrar os 40 anos do disco, ele pretende reunir seus trabalhos musicais numa caixa de CDs em 2012. Primeiro disco pirata "sem ser pirata" dentro de uma grande gravadora, *Para Iluminar* foi gravado ao vivo e vendido por um valor abaixo da média do mercado, provocando boicote das lojas. Seguiram-se outros dois, *Jorge Mautner* (1974) e *Mil e Uma Noites de Badgá* (1976), na Philips. Depois vieram *Bomba de Estrelas* (1981), produzido por Chico Neves e Liminha na Warner, e *Árvore da Vida* (com Nelson Jacobina), pelo selo Geleia Geral, de Gilberto Gil. Mautner voltou à Polygram (ex-Philips) com *Antimaldito* (1985) e depois lançou uma série de álbuns independentes por pequenas gravadoras. /L.L.G.

JORGE MAUTNER

Casa de Francisca. Rua José Maria Lisboa, 190, Jd. Paulista, telefone 3052-0547. 6ª e sáb., às 22h30; dom., às 21 h. R\$ 80.

Lauro Lisboa Garcia

Os shows de Jorge Mautner neste fim de semana na Casa de Francisca, como de hábito, não terão só música, mas também poesia e textos filosóficos. "A música ocupa um espaço imenso, como sempre ocupou no meu trabalho, ainda mais a música popular do Brasil, em que a letra substitui muitas vezes a poesia e a literatura. Sempre falo da importância disso no Brasil, que foi construído por poesia e música, desde os jesuítas, o cururu e o cateretê em São Paulo. Metade dos dias do ano era feriado para que a casa grande descesse para ouvir a senzala, milhares de índios e milhares de negros escravos tocando e mandando recados. É inédito e original. Sem esse equilíbrio, seria impossível a evolução do Brasil", pontua.

Este ano ainda sairão dois trabalhos novos de Mautner. "Estou realizando um clube cívico cultural democrático hiper-tropicalista da Amálgama do Brasil Universal.

E O TEMPO A SEU FAVOR

Essa palestra de sábado é a primeira a tratar desse assunto. E os dois produtos que vão sair este ano são decorrência disso tudo", diz. O primeiro é um programa na TV Brasil todas as terças-feiras, às 20 horas, chamado *Oncotô*. "Oncotô é mineirês, né? São jovens poetas, homens e mulheres, que vão procurando os tesouros culturais do Brasil, definidos pela amálgama de José Bonifácio de Andrada e Silva em 1923, que eu retomo."

Entre esses poetas estão Omar Salomão (filho de Waly Salomão), Ericson Pires, Julia Barreto, Paula de Souza. "Conversamos com eles sobre essa visão que acentua a miscigenação e a

mistura, mas resulta na amálgama. Começou com os Estados nordestinos. São 28 programas que fiz, mas já encomendaram 52 para o ano que vem, incluindo os Estados fronteiriços. Também vamos ter os primeiros sintomas dos nossos vizinhos do Peru, da Bolívia, do Paraguai, isso seguindo José Bonifácio quase ao pé da letra, que toda arte moderna é amálgama, a antropofagia de Oswald de Andrade, em tom de fúria, e o tropicalismo, que é sua plenitude."

Mautner também lança um trabalho em edição dupla, resultado de suas palestras com Nelson Jacobina e interações literomusi-

Diversos projetos comemoram seus 70 anos, no palco e na televisão



EU ME SINTO FELIZ COM A GAROTADA DE HOJE. EU, CAETANO E GIL ÉRAMOS PROFETAS DESSA ÉPOCA DE AGORA"

Jorge Mautner
COMPOSITOR, POETA E FILÓSOFO

cais nos Pontos de Cultura, criados por Gilberto Gil quando era ministro. "Nesses encontros nós nos adaptávamos a cada fenômeno regional musical e esse trabalho resultou no encontro de um Pontão (*um Ponto de Cultura que reúne vários outros*) em Nazaré da Mata, em Pernambuco", conta. Contemplado pela Funarte com o prêmio de interações estéticas, o trabalho, que se chama *Maracatu Atômico Kaosnavial*, sai em CD e DVD.

Dedicado a mestre Salu e ao maracatu de Nazaré da Mata, o material foi gravado in loco, ao ar livre, em 2009, com regência do Maestro Duda. O lançamento, previsto para o fim do ano, vai ser marcado por uma série de shows. Outro produto cultural que coloca Mautner em nova evidência é o filme de Pedro Bial, *Filho do Holocausto*, com trechos de seu livro no qual foi baseado, participações de Caetano Veloso e Gilberto Gil cantando suas músicas. O longa-metragem,

previsto para entrar em circulação neste semestre, também terá versões em CD e DVD.

Um dos últimos intelectuais vivos – e dos mais brilhantes – de sua geração, Mautner começou a escrever primeiro livro em 1956, *Deus da Chuva e da Morte*, quando criou o Partido do Kaos no ateliê do artista plástico Aguilar.

Mautner pretende lançar uma caixa de CDs em 2012, incluindo dois discos independentes inéditos no Brasil (*leia mais ao lado*). Com o tempo a seu favor, ele vem sendo (re)descoberto por artistas e público jovens, incluindo as cantoras Márcia Castro e Nina Becker, colega dele na Orquestra Imperial, em cujos shows é sempre reverenciado. "Eu me sinto totalmente feliz com essa garotada que tem os neurônios organizados nessas ideias de simultaneidade. Meu público é tudo garotada mesmo, como acontece com Gil, Caetano. Todos já prevíamos isso, éramos profetas dessa época de agora."

HET COLLECTIEF, IRREPREENSÍVEL

* **Crítica: João Marcos Coelho**

★★★★ EXCELENTE

O bom público que esteve terça-feira no auditório do Masp para assistir ao concerto do grupo belga Het Collectief deve ter se sentido, ao menos na primeira parte, como a cantora de cabaré berlinense Albertine Zehme, que encomendou a Arnold Schoenberg em 1912 *Pierrot Lunaire*: perplexo e despreparado para o que iria ouvir e ver. Albertine costumava declamar poemas ao lado de um pianista tocando Chopin. Acontece que o Pierrot do poeta Albert Giraud, personagem-símbolo da commedia dell'arte, é estranhíssimo. Faz uma viagem de humor negro por um mundo bizarro. Embriaga-se pela lua e canta o amor tecido com fantasia, sexo e religião. Depois mergulha num pesadelo terrível, onde é perseguido por traças gigantes, rouba sangue de um túmulo, fuma num crânio e é decapitado pela lua; e volta pra casa, assombrado.

Entre os momentos marcantes de uma execução de altíssimo nível, destacaram-se o fascinante duo entre a flauta e Pierrot em *A Lua Doente* e as sonoridades sombrias do clarone e do cello em *Noite*. E, ainda, a impactante performance de Jacqueline Janssen, exata neste difícil meio-caminho entre canto e fala. Não é algo que envolva a voz, mas o corpo, num gestual minimalista reproduzido com extremo rigor.

É certo que a revolucionária música atonal e de 'canto falado' de Schoenberg é o que transforma este *Pierrot* numa obra-prima. Também é verdade que, sem saber o que dizem os versos de

Giraud fica impossível, a quem não tinha nenhuma informação sobre a obra, entrar neste universo expressionista delirante (um telão com os versos em portu-

guês bastaria). Assim, só quem já conhecia a obra adorou a performance irrepreensível do Het Collectief, regido por Reinbert de Leeuw. Erro letal porque re-

põe no gueto a música contemporânea, em vez de ampliar-lhe o público.

Na segunda parte, o quarteto formado por Benjamin Dieltjens

(clarineta), Wibert Aerts (violino), Martijn Vink (violoncelo) e Thomas Dieltjens (piano) realizou uma interpretação memorável do *Quarteto para o Fim do Tempo*, de Olivier Messiaen. Benjamin foi espetacular no incrível solo de clarineta do *Abismo dos Pássaros* – 8 minutos de puríssimo encantamento. Martijn reprodu-

ziu a sensação de imobilização do tempo nas notas alongadas, em adagio, do *Louvor à Eternidade de Jesus*. E o *Furor das Trombetas* nos pôs diante do Apocalipse nesta obra composta num campo de concentração em 1941. Quem perdeu este concerto de exceção poderá assisti-lo neste sábado, às 16 horas, na TV Cultura.